

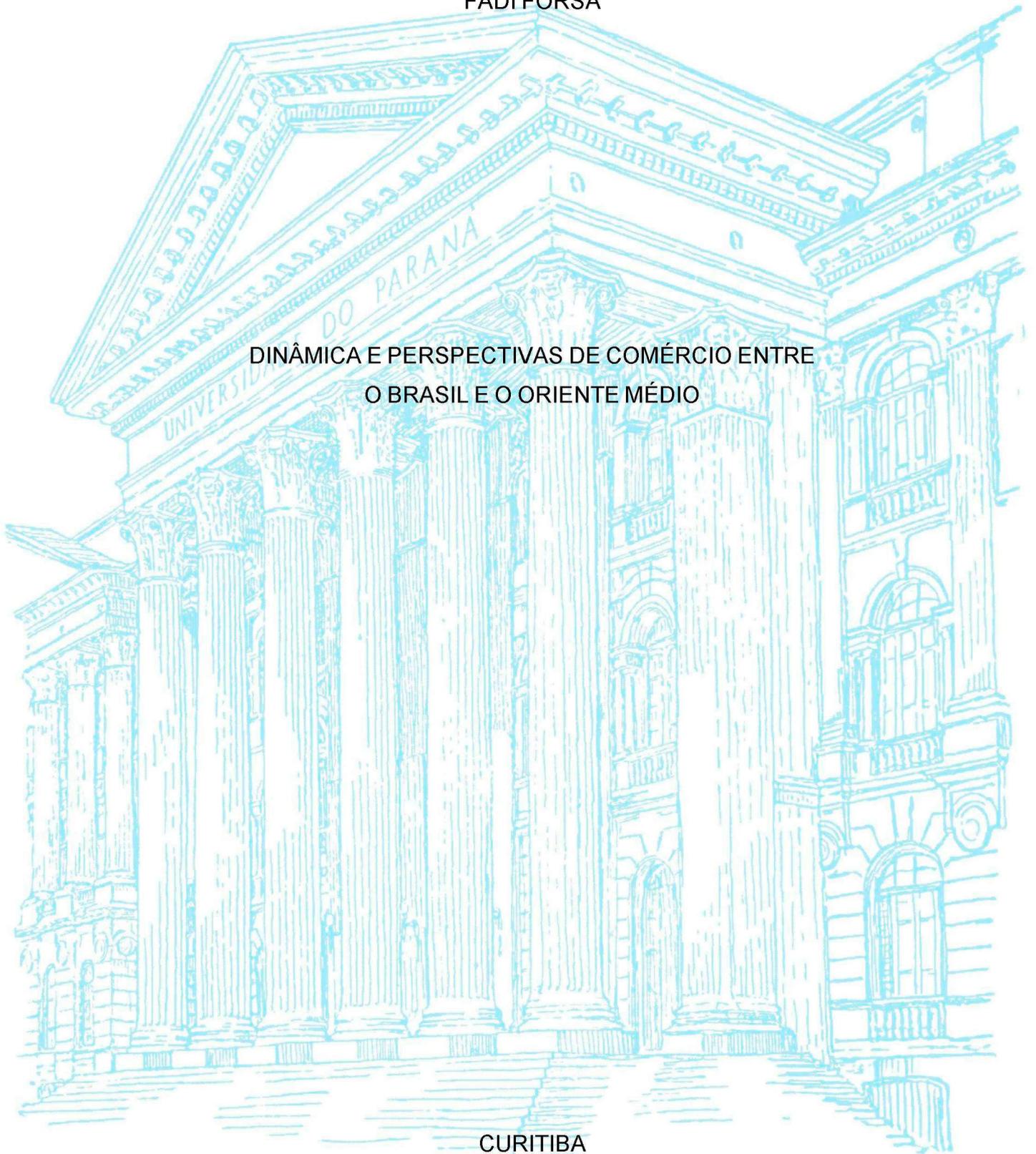
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FADIFORSA

DINÂMICA E PERSPECTIVAS DE COMÉRCIO ENTRE
O BRASIL E O ORIENTE MÉDIO

CURITIBA

2022



FADI FORSA

DINÂMICA E PERSPECTIVAS DE COMÉRCIO ENTRE
O BRASIL E O ORIENTE MÉDIO

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Vinícius de Almeida Vale

CURITIBA

2022

RESUMO

O século XXI é caracterizado pelo avanço da globalização, fenômeno que tornou o comércio internacional um dos principais ramos do processo produtivo. Nesse sentido, o Brasil tem empregado esforços para estimular suas relações internacionais, incluindo relações com os países do Sul, no qual se inserem os países do Oriente Médio. Em vista disso, este trabalho se propôs analisar a dinâmica do comércio exterior brasileiro com o Oriente Médio, elencando suas principais características, principalmente a partir de 2002. Os resultados da análise histórica mostram que os principais marcos de fortalecimento das relações entre o Brasil e os países do Oriente Médio foram nos governos Geisel (década de 1970) e Lula (2003). Como efeito, a região se destaca como um dos principais parceiros comerciais do Brasil. Já os resultados da análise de dados mostraram que (1) os valores nominais comercializados têm crescido ao longo do tempo; (2) o Brasil tende a exportar mais que importar da região; e (3) há um relevante papel do agronegócio e da indústria de transformação, especialmente de alimentos, madeira e minérios, pelo lado do Brasil, e de petróleo, fertilizantes e vestuário pelo lado do Oriente Médio.

Palavras-chave: Oriente Médio; Brasil; relações comerciais.

ABSTRACT

The 21st century is characterized by the advance of globalization, a phenomenon that has made international trade one of the main branches of the productive process. Considering this, Brazil has employed efforts to stimulate its international relations, including relations with Southern countries, in which the Middle East countries are included. Therefore, this work aims to analyze the dynamics of Brazilian international trade with the Middle East, listing its main characteristics, especially since 2002. The historical analysis results show that the main milestones in strengthening relations between Brazil and the Middle Eastern countries come from Geisel's (1970) and Lula's (2003) governments. As a result, the region stands out as one of Brazil's main trade partners. The data analysis results showed that (1) the traded nominal values have grown over time; (2) Brazil tends to export more than import from the region; and (3) there is a relevant role of agribusiness and manufacturing industry, especially food, wood, and minerals, on the Brazilian side, and oil, fertilizers, and clothing on the Middle East side.

Keywords: Middle East; Brazil; commercial relationships.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 REVISÃO DE LITERATURA	9
3 BASE DE DADOS	16
4 METODOLOGIA	17
5 RESULTADOS	19
5.1 ANÁLISE GERAL	19
5.2 ANÁLISE DE TAXA DE COBERTURA	23
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

O comércio internacional tem se consolidado, cada vez mais, como um ramo essencial para o processo produtivo. A crescente fragmentação das cadeias produtivas e sua propagação em escala internacional evidenciaram ainda mais as complexidades das relações comerciais. Nesse contexto, surgiu-se o conceito “comércio internacional do século XXI”, diretamente relacionado ao avanço da globalização comercial (OLIVEIRA, 2013).

Entende-se por “globalização” o processo de interconexão global em diversas frentes. No campo econômico, como destacado por Oliveira (2013), o conceito reflete a expansão do comércio internacional, dos investimentos e da dispersão da produção em várias partes do globo.

Nesse cenário, o Brasil também passou a empreender esforços políticos a fim de estimular suas relações comerciais, especialmente com países do Sul. Entre 2003 e 2010, o país teve um efetivo aumento da corrente de comércio com a África, países do Oriente Médio e países asiáticos (OLIVEIRA, 2013). Nesse sentido, o Oriente Médio passou a ser um dos principais parceiros comerciais do Brasil.

Em que pese a assinatura de acordos econômicos e culturais datados da década de 1950 e 1960, como os acordos entre Brasil e Israel, Líbano, Turquia e Irã, as parcerias econômicas Brasil-Oriente Médio se consolidaram efetivamente apenas na terceira fase do regime militar brasileiro (1967-1979) (PREISS, 2013). Essa consolidação foi potencializada devido (1) à crise mundial do petróleo, que marcou a década de 1970 e proporcionou aos países do Oriente Médio uma posição de destaque na economia mundial (SILVA,¹ 2004 apud PREISS, 2013); e (2) ao então projeto nacional desenvolvimentista, que almejava ampliar a autonomia brasileira em relação às influências de superpotências mundiais por meio da multiplicação dos seus contatos internacionais (SANTANA, 2006).

Diante da alta do preço do petróleo, tornava-se essencial ao Brasil equilibrar a balança comercial com os países do Oriente Médio e garantir o fornecimento do produto num contexto de instabilidade política internacional. Dessa maneira, o Brasil passou a investir em relações comerciais e diplomáticas com uma série de Estados da região. Ao mesmo tempo, o projeto nacional desenvolvimentista do governo Geisel

¹ SILVA, Heloisa Conceição Machado da. **Da substituição de importações à substituição de exportações**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

(1974-1979) delimitou como uma das principais metas da política externa brasileira o aumento das exportações de produtos e o crescimento do comércio com países árabes (SANTANA, 2006).

No início do século XXI, mais especificamente no segundo mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso, a política diplomática brasileira passou a buscar novos nichos de oportunidade, expandindo suas relações com Irã, Turquia e Emirados Árabes Unidos – que, à época, também demonstravam um forte potencial econômico (TAWIL, 2019). Essa estratégia internacional criou um contexto interno favorável, do ponto de vista macroeconômico, para ascensão do paradigma do “Estado logístico” do governo Lula, a partir de 2003.

Assim, na primeira década do século XXI, a estratégia externa brasileira baseou-se na busca por novos parceiros e pelo crescimento de suas exportações, a partir de incentivos estatais e da internacionalização de empresas brasileiras. Nesse período, os países do Oriente Médio foram parceiros comerciais essenciais para o Brasil, de modo que tais relações passaram a ser incentivadas pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX-Brasil), pelo Departamento de Promoção Comercial e Investimentos do Ministério das Relações Exteriores, pela Câmara de Comércio Árabe-Brasileira e até mesmo financiados, em parte, pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) (SILVEIRA, 2015a).

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo analisar a dinâmica do comércio exterior brasileiro com o Oriente Médio, elencando suas principais características, principalmente a partir de 2002. Dessa maneira, tem-se como objetivos específicos efetuar uma pesquisa qualitativa e quantitativa sobre a pauta comercial entre o Brasil e o Oriente Médio; avaliar o perfil das exportações e importações entre as regiões; e identificar os principais parceiros comerciais.

Para atingir os objetivos propostos, a metodologia empregada parte da revisão bibliográfica do tema, bem como da avaliação de estatísticas de comércio entre as regiões em estudo. Vale ressaltar que a justificativa para o presente estudo se deve ao número reduzido de estudos acadêmicos sobre o tema e à importância das relações comerciais entre o Brasil e o Oriente Médio para o estímulo de suas respectivas economias.

Além desta Introdução, o presente trabalho está organizado em mais cinco capítulos. O segundo capítulo apresenta uma revisão de literatura sobre as relações comerciais entre o Brasil e o Oriente Médio. O terceiro capítulo descreve a base de

dados, enquanto o quarto descreve a metodologia utilizada. No quinto capítulo, os principais resultados da pesquisa são elencados e detalhados. E, por fim, o sexto capítulo apresenta as considerações finais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para atingir os objetivos do presente trabalho, é importante compreender as relações de comércio entre o Brasil e o Oriente Médio e entender as discussões que permeiam o tema. A partir da literatura especializada, é possível compreender (1) as características do Oriente Médio (principais características culturais e econômicas dos países que compõem a região); (2) como estes países se relacionam comercialmente em termos de importações e de exportações; (3) quais políticas externas o Brasil adotou nas suas relações internacionais com o Oriente Médio; e (4) como se encontram as atuais relações comerciais entre as regiões.

Segundo Karnal (1994), o Oriente Médio é composto pelos seguintes países: Irã, Iraque, Arábia Saudita, Turquia, Afeganistão, Iêmen, Kuwait, Omã, Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Catar, Jordânia, Israel, Síria e Líbano. No entanto, é importante ressaltar que seus limites não são precisos. A depender da referência teórica adotada, também se pode incluir o Egito, ou excluir a Turquia e o Afeganistão. De todo modo, não há como definir a região de um jeito simples. A região, conforme destacado pelo autor, não é caracterizada por uma única etnia, um único idioma, uma única religião ou qualquer outro fator único.

Politicamente e economicamente, o Oriente Médio está localizado em uma região estratégica e importante no globo. É um ponto de contato relevante entre Europa, Ásia e África, de clima predominantemente árido e semiárido, e cujas áreas mais férteis se localizam próximas aos rios Tigres e Eufrates (KARNAL, 1994). No entanto, quando se trata de Oriente Médio, é comum a predominância de uma visão leiga e focada em conflitos, fanatismo religioso e instabilidade política. Pouco se aprofunda sobre a importância social, econômica, cultural e política da região.

Em decorrência de suas peculiaridades, Kosheri (2017) destaca que as negociações com os países árabes exigem nível de conhecimento especializado de tradições legais, normas e processos específicos. No caso brasileiro, segundo Majzoub (2000), esse desconhecimento mútuo sobre as economias e culturas foi relevante para que as primeiras tentativas de ingresso do Brasil nos mercados árabes não fossem bem-sucedidas.

Assim, para Traumann (2007), as relações comerciais entre o Brasil e o Oriente Médio ganham relevância do ponto de vista econômico apenas na década de 1960,

quando, durante o governo Médici, foram estabelecidas embaixadas nos países envolvidos.

Segundo Lana *et al.* (2019), entretanto, foi apenas durante o governo militar (e especialmente na década de 1970, com a crise mundial do petróleo) que foi consolidado o marco inicial das relações comerciais contemporâneas entre o Brasil e o Oriente Médio. À época, no Brasil, o petróleo era uma *commodity* majoritariamente importada e possuía um papel primordial na economia nacional. Logo, para prevenir perdas econômicas mais sérias, iniciou-se um processo de intensificação das relações com o Oriente Médio.

Como pontua Santana (2006), a crise do petróleo gerou uma nova orientação internacional da política externa brasileira, que passou a aprimorar a diplomacia com os países do Oriente Médio para reequilibrar suas contas externas. O autor indica que uma das primeiras providências do governo brasileiro foi o estreitamento das relações com a Arábia Saudita.

Santana (2006) relata que, em 1974, o chanceler saudita Omar Sakkaf visitou o Brasil para criação da Comissão Mista Brasil-Arábia Saudita, cuja função seria criar uma estrutura para o desenvolvimento da cooperação bilateral entre os países. Com a Comissão, passou-se a tratar de questões prioritárias, como o fornecimento de petróleo ao Brasil, o fornecimento de bens de serviço para a Arábia Saudita, o intercâmbio tecnológico e cultural, associação de capitais privados e públicos e cooperação financeira.

Nesse processo de intensificação das relações comerciais Brasil-Oriente Médio, Santana (2006) também destaca a aproximação entre a Petrobras e a *Iraq Petroleum Company*, em 1971. À época, decidiu-se que, em compensação à quantidade de petróleo adquirido pela Petrobras, os semimanufaturados e manufaturados brasileiros passariam a ser comprados pelo Iraque em igual ou superior valor ao do óleo iraquiano. No final da década de 1970, o Iraque já figurava como um dos maiores parceiros comerciais do Brasil, com acordos culturais, de transferência de tecnologia e até a criação de um banco (o Brasileiro-Iraquiano) (TRAUMANN, 2007). Em 1977, por exemplo, o país foi o terceiro maior parceiro comercial do Brasil, perdendo apenas para os Estados Unidos e a Arábia Saudita (FARES, 2007).

No entanto, é com o governo Geisel (1974-1979) e sua linha de atuação diplomática, focada na multilateralização e mundialização da política externa, que a

aproximação Brasil-Oriente Médio se consolida. No período, a política externa ficou conhecida como “Pragmatismo Ecumênico e Responsável” (SANTANA, 2006, p. 164). Em geral, partia-se do pressuposto de que não se deveria excluir de antemão determinados países do foco diplomático brasileiro – isto é, entendia-se como necessário apurar todos os fatos de forma realista, buscando eficiência prática nas relações exteriores. Por essa razão, entendia-se como “ecumênica e responsável”, uma vez que pregava a ausência de preconceitos ideológicos sem se desvincular dos interesses nacionais. Como consequência direta, o governo Geisel consolidou o modelo de substituição de importações (SANTANA, 2006).

Dessa maneira, o cenário – atrelado à crise mundial do petróleo – foi propício à intensificação das relações diplomáticas entre o Brasil e o Oriente Médio (SANTANA, 2006). Para Cervo (2008), três razões principais levaram o Brasil a tomar essa decisão política: (1) a elevação da receita dos países exportadores de petróleo, atraindo cooperações econômicas para vendas ao mercado árabe; (2) o universalismo da política exterior; e (3) a expectativa de atrair petrodólares para apoiar o desenvolvimento nacional.

Nesse período, aumentou-se consideravelmente a importação de produtos brasileiros (especialmente alimentícios) pelos países árabes, bem como a utilização de empresas brasileiras em serviços de engenharia (CERVO, 2008). Apesar disso, o déficit na balança comercial persistiu. Em 1974, o Brasil exportava, em média, US\$ 198 milhões aos países árabes e, em 1979, passou a exportar US\$ 975 milhões. As importações de petróleo eram ainda mais significativas, passando de US\$ 353 milhões, em 1974, para uma média de US\$ 3,7 bilhões, em 1979 (SANTANA, 2006).

Em que pese o insucesso financeiro (afinal, os petrodólares pretendidos continuaram sendo direcionados à Europa e aos Estados Unidos da América), o período foi importante para a intensificação das relações entre o Brasil e o Oriente Médio (CERVO, 2008).

Santana (2006) ressalta que, a partir de 1980, ganhou destaque as exportações de material bélico brasileiro à região – notadamente pelas guerras locais, que permitiram experimentar e aprimorar armamentos brasileiros, como armas de fogo, tanques leves, carros de combate, mísseis, aviões e jatos de treinamento. Nessa época, o Iraque se tornou o principal destino das exportações bélicas brasileiras, ao passo que o Brasil passou a reduzir, aos poucos, a dependência das importações de

petróleo da região. Segundo Lana *et al.* (2019), estima-se que, entre 1984 e 1985, o Brasil passou a produzir aproximadamente 60% do petróleo que consumia.

Em que pese a maior abertura do mercado brasileiro ao comércio internacional durante a década de 1990 – notadamente devido à redução gradativa de tarifas de importação, operacionalizada pelo governo Fernando Collor de Mello, e à constituição do Mercosul (RODRIGUES; BENEDICTO, 2009) –, o período foi caracterizado pelo esfriamento nas relações entre o Brasil e o Oriente Médio.

Com o fim da Guerra Fria, os Estados Unidos intensificaram suas políticas externas de “combate ao terrorismo” – que, na prática, objetivava assegurar o controle das principais fontes de petróleo. As iniciativas estadunidenses expulsaram países emergentes que estavam vinculados aos países árabes, como o Brasil. O ápice do distanciamento brasileiro foi alcançado com a política primeiro-mundista de Fernando Henrique Cardoso – cenário que só viria a se alterar ao final do segundo mandato, que deu início a um novo cenário favorável à intensificação nas relações internacionais Brasil-Oriente Médio, consolidadas novamente no governo Lula (2003) (CERVO, 2008; TAWIL, 2019).

Um novo multilateralismo diplomático tomou a política externa brasileira durante o governo Lula, contexto caracterizado pelas colaborações Sul-Sul ou pela também chamada “autonomia pela diversificação”, conforme detalha Silveira (2015b). A partir de 2004, o governo brasileiro, conforme destacado por Cervo (2008), denominou o seu propósito de estimular fluxos comerciais entre países do Sul de “nova geografia comercial”.

Segundo Mendes *et al.* (2015), a virada do milênio foi caracterizada pela crise do Mercosul e, conseqüentemente, pela procura do Brasil por novos parceiros comerciais. Nesse contexto, não se falou mais na procura por petrodólares, mas, sim, em ampliação de negócios, internacionalização de empresas e comércio de exportação. Na passagem do século XX para o século XXI, o Brasil passou a ser visto como potência emergente, deixando de ser somente um integrante do Terceiro Mundo e passando a se envolver e se integrar em movimentos da estrutura hegemônica do capitalismo (CERVO, 2008).

Segundo Silveira (2015b), os países árabes foram importantes parceiros nesse processo, notadamente pelo estímulo realizado pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX-Brasil), pelo Departamento de Promoção Comercial e Investimentos do Ministério das Relações Exteriores, pela Câmara de

Comércio Árabe-Brasileira e, em parte, pelo financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Estima-se que, entre 1999 e 2002, o fluxo de comércio entre o Brasil e o Oriente Médio cresceu mais de 40%, de modo que 3,86% das exportações brasileiras foram destinadas à região (MENDES *et al.*, 2015).

Porém, conforme relata a autora, no governo Dilma (2011), as circunstâncias se alteraram. O cenário político interno foi marcado por uma base de apoio menos sólida no Congresso Nacional, ao passo que o contexto macroeconômico era menos favorável em comparação ao do governo Lula. Assim, embora a posição internacional do Brasil tenha se mantido igual, houve o enfraquecimento do multilateralismo, uma desaceleração do crescimento econômico e aumento da instabilidade política interna (SILVEIRA, 2015b). Nesse contexto, Cid (2017) aponta que os mandatos de Dilma Rousseff falharam em dois principais aspectos: (1) ausência de uma política de comércio exterior; e (2) inexistência de estratégia de inovação junto ao empresariado, necessária para manter o país ativo em meio à competitividade das economias internacionalizadas.

Apesar disso, no primeiro mandato de Dilma, o então vice-presidente Michel Temer (de ascendência libanesa) atuou como importante interlocutor do Brasil no Oriente Médio, tendo visitado o Líbano, o Catar, a Turquia, os Emirados Árabes, Omã, Israel e a Palestina (SILVEIRA, 2015b).

De todo modo, a partir da segunda metade da década de 2010, Kosheri (2017) compreende que as relações do Oriente Médio com o Brasil se caracterizam pela solidariedade e cooperação recíproca, além de contarem com a liderança do Brasil na busca por um novo modelo de desenvolvimento econômico e social. Nesse sentido, Lana *et al.* (2019) entende que o fomento do comércio Sul-Sul durante o governo Lula ainda teve efeitos positivos na década de 2010 – uma vez que consolidou as relações do Brasil com os países árabes, corrigindo equívocos de percepção sobre o funcionamento do mercado árabe, incentivando um maior volume de exportação e revertendo os déficits na balança comercial.

Em termos numéricos, Silveira (2015b) relata que, desde a década 1990 até 2012, o fluxo comercial entre Brasil e países árabes cresceu mais de seis vezes, especialmente devido à alta nas exportações brasileiras. A autora aponta que, entre 2003 e 2014, esse fluxo comercial cresceu 327% e as exportações brasileiras aumentaram em 273%.

Conforme estudo do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA/USP), é possível perceber que desde 2009 a balança comercial brasileira com a Liga Árabe² é superavitária. Entre 1997 e 2019, houve um crescimento de 8,8% ao ano nas exportações brasileiras, ao passo que as importações cresceram 5,1% ao ano (MIRANDA; CORRER; DAMASCENO, 2020).

Segundo a pesquisa, os principais produtos exportados pelo Brasil no ano de 2019 foram açúcar, carne de frango, miúdos e pedaços de carne de frango congelada, minério de ferro, milho e carne bovina desossada refrigerada e congelada, enquanto os principais produtos importados da Liga Árabe foram combustíveis minerais (petróleo e derivados) e adubos (fertilizantes) (MIRANDA; CORRER; DAMASCENO, 2020).

Como reconhece a Comex do Brasil (2019), os países árabes consistem em um dos principais mercados para vários dos produtos exportados pelo Brasil, em especial no campo do agronegócio. Em 2018, as exportações brasileiras ao Oriente Médio corresponderam a US\$ 9,769 bilhões, enquanto as importações foram de US\$ 5,181 bilhões (MACAN; ZILLI, 2019).

Macan e Zilli (2019) relatam, ainda, que o mercado árabe tem demandado produtos como aparelhos eletrônicos, maquinários, combustíveis, ferro e aço, que atualmente não são o forte da produção brasileira – razão pela qual haveria uma lacuna nessa área.

Ainda mais recentemente, em 2021, o comércio entre o Brasil e os países árabes totalizou US\$ 24,25 bilhões, maior valor atingido desde 2014. A Comex do Brasil (2022) relata que, no período, o Brasil exportou US\$ 14,42 bilhões ao bloco dos países árabes, o que significou um aumento de 26% na receita gerada (figurando o terceiro principal destino das exportações brasileiras). Em 2021, além do agronegócio, houve um aumento considerável nas exportações de minério de ferro, tendo em vista a demanda dos Emirados Árabes Unidos e da Arábia Saudita. Assim, naturalmente, há expectativas para a ampliação das exportações brasileiras em 2022.

Para o CEPEA/USP, as projeções indicam grandes oportunidades para consolidação e ampliação do fluxo comercial, aos países da Liga Árabe, de produtos agropecuários e agroindustriais brasileiros (com destaque para carnes e derivados).

² O estudo considerou como Liga Árabe os seguintes países: Arábia Saudita, Argélia, Bahrein, Catar, Djibuti, Egito, EAU, Iêmen, Ilhas Comores, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Marrocos, Maurítânia, Omã, Palestina, Síria, Somália, Sudão e Tunísia.

A partir de 2021, os Emirados Árabes Unidos assumiram a liderança entre os países árabes que compram produtos brasileiros (com aumento de 13,21% em relação à receita de 2020), seguidos da Arábia Saudita (com aumento de 9,78%) e do Egito (com aumento de 14,55%). Já quanto às importações, o Oriente Médio posiciona-se em quinto lugar dentre os principais fornecedores do Brasil. Segundo a Comex do Brasil (2022), em 2021, as compras de produtos árabes atingiram receita de US\$ 9,82 bilhões (um aumento de 82% em relação a 2020), com destaque para o comércio de combustíveis, fertilizantes e alumínio.

Vale ressaltar que uma análise mais detalhada do padrão de comércio entre as regiões é apresentada nos capítulos a seguir.

3 BASE DE DADOS

Com o objetivo de analisar a relação comercial entre o Brasil e o Oriente Médio, foi utilizado o portal Comex Stat para extrair dados referentes ao comércio entre as duas regiões. O Comex Stat é um portal gratuito de acesso às estatísticas e aos dados do comércio exterior brasileiro, sendo disponibilizado pelo próprio Governo Federal – Ministério da Economia.

O portal possui dados a partir de 1989, com detalhamento de país de origem/destino, Unidade de Federação de origem/destino, data, bloco econômico e os seguintes descritivos dos produtos: NCM (Nomenclatura Comum do Mercosul), CUCI (Classificação Uniforme para o Comércio Internacional), CGCE (Classificação por Grandes Categorias Econômicas) e ISIC (*International Standard Industrial Classification of all economic statistics*).

Para o desenvolvimento da análise do presente estudo, adotou-se um horizonte de 20 anos (2002-2021). Como citado no capítulo anterior, a delimitação de países no bloco é complexa e, portanto, neste trabalho, optou-se pela definição mais ampla da região, incluindo Egito, Turquia e Afeganistão. Dessa forma, foram considerados os seguintes países: Turquia, Irã, Afeganistão, Síria, Líbano, Iraque, Jordânia, Israel, Kuwait, Egito, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Omã, Catar e Bahrein.

Para descrever os produtos, adotou-se o código ISIC. Portanto, os demais detalhamentos (UF de origem/destino, bloco econômico, NCM, CUCI e CGCE) não foram avaliados na presente pesquisa.

A extração de dados foi realizada na aba “Exportação e Importação Geral”, e o detalhamento utilizado pode ser acessado por meio do portal da Comex Stat (COMEX STAT, 2022a; COMEX STAT, 2022b).

4 METODOLOGIA

Após a extração e tratamento dos dados, foram realizadas duas análises. A primeira, denominada “Análise Geral”, tem como objetivo estabelecer o panorama do comércio exterior entre o Brasil e o Oriente Médio no período delimitado. Nessa análise, foram extraídos os valores totais importados e exportados de cada país, por ano. Desses dados, analisou-se os seguintes macroindicadores: (1) maiores importadores e exportadores (por valor total comercializado); (2) maiores parceiros comerciais (somatório entre importação e exportação); (3) anos com maiores e menores valores comercializados; (4) maiores e menores variações entre 2002 e 2021 para importações e exportações (média de 2002-2004 *versus* média de 2018-2021, por país); e (5) os resultados da balança comercial no período.

Após a “Análise Geral”, destacaram-se, na segunda análise, os primeiros dez parceiros comerciais (em termos de volume total comercializado). Nessa etapa, denominada “Análise de Taxa de Cobertura”, foram considerados os detalhamentos de produtos, permitindo uma análise mais aprofundada sobre os setores mais participativos e sobre as possíveis oportunidades de mercado. Com os dados totais, calculou-se a taxa de cobertura entre as duas regiões.

A taxa de cobertura (T) auxilia na compreensão da posição comercial de um país em relação ao outro. É calculada através da divisão do valor total de exportações (x) pelo valor total de importações (m):

$$T = \frac{x}{m} \quad (1)$$

Quando o resultado (T) é maior do que 1, significa que o país tem uma posição comercial forte em relação ao seu parceiro, mostrando que as exportações são maiores que as importações.

Neste trabalho, calcula-se a taxa de cobertura para cada país nos primeiros três anos, nos últimos três anos e no total do período. Além disso, será demonstrado quais são os setores que apresentam maior e menor taxa de cobertura, considerando a região Oriente Médio como um todo.

Após o cálculo do índice, realizou-se uma análise qualitativa desse mercado, considerando os dados apresentados e o contexto atual do Brasil e da região. Buscou-

se apresentar produtos e setores com grande potencial econômico, embora ainda não possuam a representação devida.

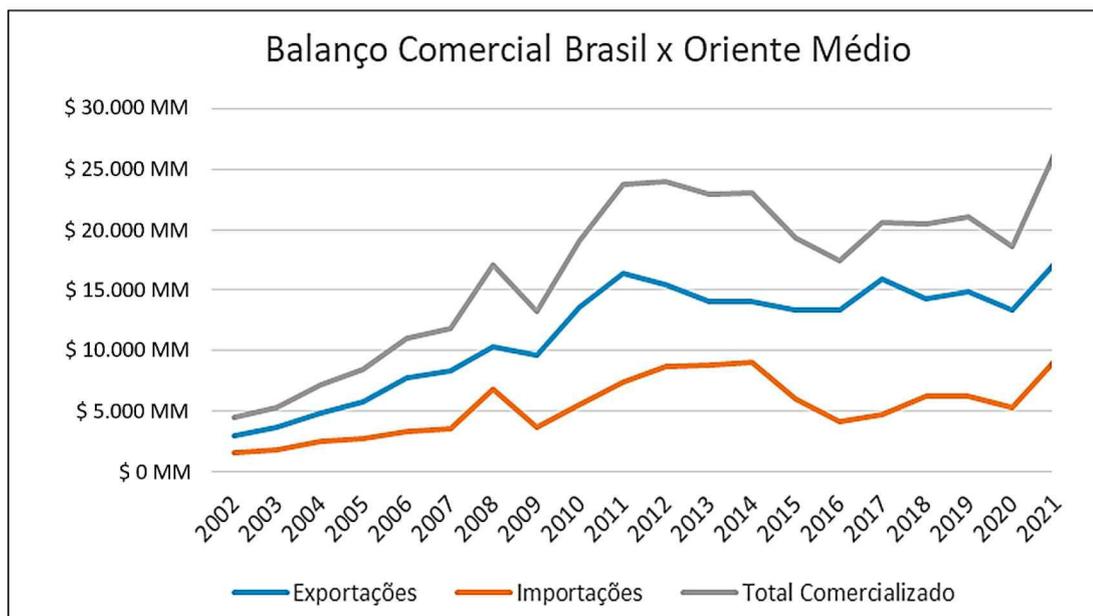
5 RESULTADOS

5.1 ANÁLISE GERAL

A partir dos dados extraídos pelo portal *Comex Stat*, conclui-se que o Brasil tem uma balança comercial positiva em relação ao Oriente Médio entre os anos de 2002 e 2021. O país exportou um total de 233.487,21MM de US\$, enquanto importou um total de 109.410,20MM de US\$, o que resulta em um balanço positivo de 124.007,01MM de US\$.

A FIGURA 1 mostra a balança comercial ano a ano, em valores nominais. Nota-se que em nenhum ano houve um volume de exportação menor do que o de importação.

FIGURA 1 – Balanço comercial entre Brasil e Oriente Médio



FONTE: Autor (2022).

A TABELA 1 apresenta os 10 (dez) maiores importadores no período. O maior importador no período foi a Arábia Saudita, com mais de US\$ 42 bilhões exportados pelo Brasil, seguida dos Emirados Árabes Unidos, com mais de US\$ 36 bilhões. O menor importador foi o Afeganistão, com apenas US\$ 204,17 milhões.

TABELA 1 – Maiores países importadores no período

Posição	País	Valor Total Exportado (MM US\$)
1	Arábia Saudita	42.209,12
2	Emirados Árabes Unidos	36.504,67
3	Egito	34.287,22
4	Irã	33.275,53
5	Turquia	26.252,78
6	Omã	10.562,36
7	Barein	8.531,28
8	Israel	7.856,79
9	Iraque	6.154,87
10	Iêmen	5.857,12

FONTE: Autor (2022).

Com relação aos valores importados pelo Brasil, a Arábia Saudita também se destacou, ficando na primeira posição com um total importado de mais de US\$ 42 bilhões, seguida de Israel, com mais de US\$ 17 bilhões. O país que menos exportou para o Brasil foi Iêmen, com um total de US\$ 1,8 milhões. A TABELA 2 apresenta os 10 (dez) maiores exportadores do período.

TABELA 2 – Maiores países exportadores no período

Posição	País	Valor Total Exportado (MM US\$)
1	Arábia Saudita	42.050,54
2	Israel	17.109,35
3	Turquia	11.310,36
4	Iraque	10.350,03
5	Emirados Árabes Unidos	7.980,08
6	Catar	6.906,80
7	Coveite (Kuwait)	5.356,00
8	Egito	3.497,46
9	Omã	1.955,19
10	Barein	1.247,66

FONTE: Autor (2022).

Dessa forma, a TABELA 3 mostra os maiores parceiros comerciais do Brasil entre 2002 e 2021. Estes países foram avaliados na “Análise de Taxa de Cobertura” e têm como principal representante a Arábia Saudita, com mais de US\$ 84 bilhões comercializados. Na 10ª posição, está o Kuwait, com cerca de US\$ 10 bilhões comercializados.

TABELA 3 – Maiores parceiros comerciais do Brasil no período

Posição	País	Valor Total Exportado (MM US\$)
1	Arábia Saudita	84.259,66
2	Emirados Árabes Unidos	44.484,74
3	Egito	37.784,68
4	Turquia	37.563,15
5	Irã	34.060,07
6	Israel	24.966,15
7	Iraque	16.504,90
8	Omã	12.517,55
9	Catar	12.044,64
10	Coveite (Kuwait)	10.277,03

FONTE: Autor (2022).

Com relação aos países que obtiveram o maior crescimento nominal no período, destaca-se Omã. O país quase não possuía relações comerciais com o Brasil no início do século, e apresentou um crescimento de 2628366% no período. Entretanto, ainda se encontra na 8ª colocação dentre os principais parceiros comerciais do Brasil.

Os cinco países com maior crescimento em volume comercializado estão destacados na TABELA 4. A variação calculada se dá a partir da diferença entre o valor comercializado (MM US\$) no período de 2002-2004 e no período de 2018-2021.

TABELA 4 – Países com maior variação positiva de valor comercializado

País	Variação (%)	2002-2004	2018-2021
Omã	2628366%	0,01	312,77
Barein	532384%	0,03	166,84
Catar	14813%	3,65	543,60
Jordânia	8303%	0,84	70,72
Turquia	1309%	65,92	928,49

FONTE: Autor (2022).

Por outro lado, alguns países apresentaram redução no valor comercializado e outros não obtiveram crescimentos tão expressivos. O país mais afetado foi a Síria, com variação de -85% em valor comercializado. A TABELA 5 apresenta os dados referentes às menores variações no período.

TABELA 5 – Países com a menor variação positiva e com variação negativa de valor comercializado

País	Varição (%)	2002-2004	2018-2021
Síria	-85%	6,70	1,00
Iraque	-40%	357,12	213,66
Afeganistão	-12%	0,49	0,43
Coveite (Kuweit)	23%	41,36	50,69
Líbano	48%	7,41	11,01

FONTE: Autor (2022).

Com relação ao período em análise, houve um crescimento acentuado no comércio desde o início do século. Na TABELA 6 e na TABELA 7, é possível observar os anos de maior e menor valor comercializado.

Nota-se que os anos em que houve o menor valor nominal são justamente os primeiros cinco anos observados, em ordem. Enquanto isso, os anos com maior volume estão mais concentrados no início da década de 2010, com exceção do ano de 2021, em que houve o maior volume exportado.

TABELA 6 – Anos com maior valor comercializado

Posição	Ano	Valor Total Comercializado	Importado	Exportado
1	2021	26.365,16	9.146,74	17.218,42
2	2012	24.028,25	8.614,51	15.413,73
3	2011	23.764,68	7.419,40	16.345,28
4	2014	23.055,03	9.029,24	14.025,79
5	2013	22.875,12	8.789,83	14.085,29

FONTE: Autor (2022).

TABELA 7 – Anos com menor valor comercializado

Posição	Ano	Valor Total Comercializado	Importado	Exportado
1	2002	2.920,97	4.440,29	1.519,32
2	2003	3.601,62	5.319,92	1.718,31
3	2004	4.750,43	7.188,34	2.437,91
4	2005	5.720,19	8.370,03	2.649,84
5	2006	7.688,13	11.026,24	3.338,11

FONTE: Autor (2022).

Por fim, nota-se também como períodos turbulentos têm influência direta na relação comercial entre os países, como visto pelo grande crescimento em 2008, pelos períodos de recessão no Brasil na segunda metade da década de 2010, pelo recuo apresentado em 2020 devido à pandemia de Covid-19 e pela variação negativa da Síria devido aos conflitos locais existentes.

5.2 ANÁLISE DE TAXA DE COBERTURA

Com os dados gerais acima descritos, passa-se a aprofundar e classificar o comércio entre o Brasil e o Oriente Médio, considerando setores mais relevantes e apontando os principais parceiros econômicos para o Brasil no período. Para tanto, a partir da “Análise Geral”, estabelece-se foco nos países que demonstram maior relevância para o estudo do atual cenário do comércio entre o Brasil-Oriente Médio: Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Egito, Turquia, Irã, Israel, Iraque, Omã, Catar e Kuwait.

Para a taxa de cobertura, os dados demonstram que o Brasil é, de modo geral, o país mais forte das relações. Com exceção de Israel, Iraque, Catar e Kuwait, as demais taxas de cobertura estão acima de 1. A TABELA 8 mostra a diminuição geral das taxas de cobertura no período de 2018-2021, quando comparado ao período de 2002-2004.

TABELA 8 – Taxas de cobertura dos 10 maiores parceiros comerciais na região

País	2002-2004	2018-2021	Total Período
Arábia Saudita	0,74	0,89	1,00
Emirados Árabes Unidos	10,96	2,93	4,57
Egito	15,82	5,24	9,80
Turquia	5,02	2,90	2,32
Irã	97,66	17,78	42,41
Israel	0,44	0,41	0,46
Iraque	0,16	2,52	0,57
Omã	3264,41	3,43	5,40
Catar	9,08	0,64	0,71
Coveite (Kuwait)	2,10	3,88	0,92

FONTE: Autor (2022).

Com relação aos produtos comercializados, nota-se que a indústria de transformação é muito significativa para ambos. Na TABELA 9, observa-se que existe relevante exportação de produtos como minérios, madeira e derivados, plantas e animais. Já a TABELA 10 mostra que existe grande valor importado de produtos químicos, petrolíferos e têxteis.

TABELA 9 – Divisões ISIC com maiores taxas de cobertura

Seção ISIC	Divisão ISIC	Taxa de Cobertura
Outros Produtos	Fabricação de madeira e de produtos de madeira e cortiça, exceto móveis; fabricação de artigos de palha e de cestaria.	1416,20
Indústria Extrativa	Extração de minerais metálicos.	1265,67
Indústria de Transformação	Fabricação de produtos alimentícios.	172,94
Indústria de Transformação	Fabricação de produtos de tabaco.	123,54
Indústria de Transformação	Fabricação de papel e produtos de papel.	50,11

FONTE: Autor (2022).

TABELA 10 – Divisões ISIC com menores taxas de cobertura

Seção ISIC	Divisão ISIC	Taxa de Cobertura
Indústria de Transformação	Fabricação de produtos químicos	0,14
Indústria de Transformação	Fabricação de têxteis	0,12
Outros Produtos	Fabricação de coque e produtos petrolíferos refinados	0,09
Outros Produtos	Extração de petróleo bruto e gás natural	0,03
Indústria de Transformação	Fabricação de vestuário	0,19

FONTE: Autor (2022).

A indústria de transformação possui as maiores taxas de cobertura nas relações entre o Brasil e a região. Nesse âmbito, o ponto forte brasileiro está na indústria madeireira, na indústria alimentícia e na fabricação de produtos derivados de tabaco e celulose. Por outro lado, o ponto forte árabe está na indústria têxtil, na indústria petrolífera e na fabricação de vestuário e produtos químicos.

As relações comerciais também ganham destaque na indústria extrativa. O Brasil na extração de minerais metálicos e o Oriente Médio na extração de petróleo e gás natural.

Assim, os dados obtidos confirmam as informações relatadas pela revisão bibliográfica sobre o tema. Ratificam que, nesse vínculo comercial internacional, o Brasil ganha destaque na área do agronegócio, ao passo que o Oriente Médio se destaca na produção de produtos químicos (como fertilizantes) e na extração e transformação de petróleo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar a dinâmica do comércio exterior brasileiro com o Oriente Médio. As análises se basearam em resultados quantitativos (derivados da análise econômica numérica) e qualitativos (derivados da progressão histórica e política da relação Brasil-Oriente Médio).

No sentido histórico, foi possível perceber que as relações comerciais entre o Brasil e o Oriente Médio estão diretamente ligadas à política internacional adotada por cada governo, como, por exemplo, pelo posicionamento perante as superpotências mundiais.

Nesse sentido, partindo dos dois principais governos catalizadores das relações comerciais entre o Brasil e o Oriente Médio (governo Geisel e governo Lula), notou-se que o governo Geisel foi marcado por uma guinada desenvolvimentista em que se objetivava ampliar a autonomia brasileira. Por outro lado, o governo Lula foi orientado pelo estímulo mútuo, econômico e cultural entre países que compõe o “Sul” do mundo – também conhecidos como “países de Terceiro Mundo”, em contraposição aos países do “Norte” ou “países de Primeiro Mundo”.

A partir de uma análise econômica quantitativa, foi possível traçar as perspectivas (de 2002 a 2021) dessas relações econômicas no século XXI. Identificou-se que, apesar dos altos e baixos, o vínculo comercial entre o Brasil e o Oriente Médio manteve um padrão de superávit (especialmente a partir de 2009) e, inclusive, tendo como principal economia a brasileira – que tem recebido mais importações da região do que exportado, salvo o caso de Israel, Iraque, Catar e Kuwait. A partir da bibliografia especializada, estima-se que esse cenário positivo seja fruto indireto da consolidação do vínculo comercial e político fortalecido na década de 1970 e, em seguida, a partir de 2003.

As circunstâncias são ainda mais otimistas a partir de 2021, uma vez que o comércio entre o Brasil e os países árabes atingiu o valor total de US\$ 26,36 bilhões, o maior valor nominal desde 2014.

Em relação aos setores econômicos envolvidos, os resultados obtidos confirmam que o forte das relações econômicas Brasil-Oriente Médio está na indústria de transformação, com destaque para produtos alimentícios e derivados de madeira e minerais metálicos (produzidos e exportados pelo Brasil) e para produtos químicos,

têxteis e derivados de petróleo (produzidos e exportados por países árabes). Em ambos os casos, há uma marcante presença de exportação de matérias-primas.

Conclui-se, a partir disso, que a relação comercial Brasil-Oriente Médio – estruturada tardiamente na década de 1970 e consolidada no início do século XXI – apresenta potencial de ganho para as duas regiões. Entretanto, sugere-se novos estudos e o aprofundamento das análises em termos de outros indicadores de comércio.

REFERÊNCIAS

- CERVO, Amado Luiz. **Inserção internacional**: formação dos conceitos brasileiros. São Paulo: Saraiva, 2008.
- CID, Mauro. A estratégia brasileira no Oriente Médio: uma visão histórica no século XX. **Conjuntura Internacional**, v. 14 n. 1, p. 39-53, 2017.
- COMEX STAT. **Exportação e Importação Geral**, 2022a. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/57714>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- COMEX STAT. **Exportação e Importação Geral**, 2022b. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/57716>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- EQUIPE COMEX DO BRASIL. **Comércio entre Brasil e países árabes totalizou US\$ 24,25 bilhões em 2021, maior valor desde 2014**. 12 jan. 2022. Disponível em: <https://www.comexdobrasil.com/comercio-entre-brasil-e-paises-arabes-totalizou-us-2425-bilhoes-em-2021-maior-valor-desde-2014/>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- EQUIPE COMEX DO BRASIL. **Orientes Médio proporciona ao Brasil o maior saldo comercial dentre os parceiros comerciais do país**. 24 set. 2019. Disponível em: <https://www.comexdobrasil.com/oriente-medio-proporciona-ao-brasil-o-maior-saldo-comercial-dentre-os-parceiros-comerciais-do-pais/>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- FARES, Seme Taleb. O pragmatismo do petróleo: as relações entre o Brasil e o Iraque. **Revista Brasileira de Políticas Internacionais**, v. 50, n. 2, p. 129-145, 2007.
- KARNAL, Leandro. **Orientes Médio**. São Paulo: Scipione, 1994.
- KOSHERI, Ahmed Sadek El. Relações entre a América Latina e o Oriente Médio. **Revista do Serviço Público**, v. 40, n. 3, p. 16-17, 2017.
- LANA, Amanda de Castro; MOURA, João Pedro Sales; RESENDE, João Victor de Sá; RODRIGUES, Lucca Henrique Gustavo; SILVA NETO, Marcílio Antônio da; e OLIVEIRA, Rafael Braz de. As relações comerciais entre Brasil e Oriente Médio: uma análise política e quantitativa. **O Eco da Graduação**, Brasília, v. 4, n. 1, p. 53-92, 2019.
- MACAN, Karina; ZILLI, Júlio Cesar. In: III Congresso Sul Catarinense de Administração e Comércio Exterior, Criciúma, 2019. **A dinâmica e as perspectivas dos negócios com o orientes médio**. Criciúma: UNESC, 2019.
- MAJZOUN, Ismail. In: Seminário Internacional “Relações entre o Brasil e o Mundo Árabe: construção e perspectivas”, Brasília, 2000. **Desenvolvimento das relações árabe-brasileiras**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2001.
- MENDES, Gustavo; ZILLI, Júlio César; VIEIRA, Adriana Carvalho Pinto; e GIANEZINI, Miguelangelo. Aspectos culturais nas negociações internacionais das agroindústrias brasileiras com o Oriente Médio. **Espacios**, v. 36, n. 8, p. 3, 2015.

MIRANDA, Sílvia Helena G. de; CORRER, Graziela Nunes; DAMASCENO, Rodrigo; e MEZENES, Taís Cristina de. Relação comercial entre o Brasil e os Países Árabes: desafios e oportunidades. **Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada**, v. 1, n. 2, 2020.

OLIVEIRA, Susan Elizabeth Martins Cesar de. **Cadeias globais de valor e os novos padrões de comércio internacional**: uma análise comparada das estratégias de inserção de Brasil e Canadá. Brasília, 2013. 223f. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília.

PREISS, José Luiz Silva. **Brasil e Argentina no Oriente Médio**: do Pós-Segunda Guerra Mundial ao final da Guerra Fria. Porto Alegre, 2013. 199f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

RODRIGUES, Waldemar; BENEDICTO, Gideon Carvalho de. Uma análise das políticas do comércio exterior brasileiro nos últimos quinze anos. **Estratégia e Negócios**, v. 2, n. 2, p. 27-51, 2009.

SANTANA, Carlos Ribeiro. O aprofundamento das relações do Brasil com os países do Oriente Médio durante os dois choques do petróleo da década de 1970: em exemplo de ação pragmática. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 49, n. 2, p. 157-177, 2006.

SILVEIRA, Isadora Loreto da. In: 5º Encontro Nacional da ABRI: redefinindo a diplomacia num mundo em transformação, Belo Horizonte, 2015. **A aproximação Brasil-Oriente Médio (2003-2014)**: uma análise dos condicionantes sistêmicos e domésticos da política externa brasileira. Belo Horizonte: ABRI, 2015a.

SILVEIRA, Isadora Loreto da. O Oriente Médio na política externa brasileira desde 2003: relações do Brasil com Irã, Egito e Turquia. 2015. 62 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, Porto Alegre, 2015b.

TAWIL, Marta. Élodie Brun, El cambio internacional desde las relaciones Sur-Sur. Los lazos de Brasil, Chile y Venezuela con los países en desarrollo de África, Asia y el Medio Oriente. Ciudad de México, **Foro Internacional – FI**, v. 59, n. 2, p. 541-550, 2019.

TRAUMANN, Andrew Patrick. **A diplomacia dos petrodólares**: relações do Brasil com o mundo árabe (1973-1985). 2007. 114 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2007.